



Tecnologia e empoderamento dos pacientes em debate Editar

A quantidade cada vez maior de aplicativos e sistemas digitais disponíveis para que os usuários consigam mais informações sobre a sua saúde é vista como motivo de comemoração e alerta, ao mesmo tempo. De acordo com o (Institute for Healthcare Informatics), atualmente existem mais de 165 mil aplicações disponíveis referentes a saúde. Elas podem passar informações das mais diversas, como medir a pressão arterial de um indivíduo até indicar que o consumo de chocolate pode impactar no índice glicêmico de um diabético, até o monitoramento constante de pacientes com indicadores específicos. Estima-se que um em cada cinco smartphones do mundo possua aplicativos ligados a saúde, ativos, ou seja, sendo utilizados regularmente por seus usuários.

O maior volume de informações disponível facilita a vida das pessoas e garante certo empoderamento do paciente, dependendo menos do olhar de especialistas para tomar algumas decisões. Por outro lado, este mesmo empoderamento pode aumentar o risco de problemas relacionados à automedicação ou mesmo à interpretação equivocada e prejudicial de informações repassadas pelos apps.

O relatório aponta que as primeiras aplicações lançadas no mercado tinham em sua maioria objetivos práticos como acompanhamento de uma dieta e de atividades físicas, monitoramento do sono e apelos motivacionais para a prática de exercícios. Porém, com o avanço no desenvolvimento nesta área, é cada vez mais comum a oferta de sistemas que promovem informações para os usuários sobre o tratamento de diversos males até aqueles que conectam remotamente o paciente a um especialista. Ao prometerem uma abordagem sobre questões mais complexas, estes apps podem incorrer em erros graves, como um app calibrado calcular erroneamente a quantidade de passos que o usuário deu durante o dia, isso será inofensivo se um outro app focado em câncer de pulmão interpretar errado determinados sintomas a partir de fotos que o usuário tira no próprio celular, os resultados podem ser desastrosos?, explica o dr. Winston Ho, um dos coordenadores do projeto. Leia mais em:<https://docacademyblog.com>